



## **Do teatro de revista para o cinema: Dercy Gonçalves em “Caídos do céu” (Luiz de Barros, 1946).<sup>1</sup>**

Evandro Gianasi VASCONCELLOS<sup>2</sup>  
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é analisar a atuação de Dercy Gonçalves no filme *Caídos do céu* (Luiz de Barros, 1946), fazendo um paralelo com a carreira teatral da artista e seu modo característico de interpretar no palco. Deste modo, pretende-se observar pontos de contato entre a forma de atuação no teatro de revista e nas comédias musicais carnavalescas, produzidas, sobretudo, nas décadas de 1930 e 1940, como parte de uma pesquisa mais ampla acerca do diálogo entre esses dois meios artísticos.

### **Palavras-chave**

Cinema brasileiro; teatro de revista; Dercy Gonçalves; *Caídos do céu*.

### **Introdução**

A utilização de artistas de outras áreas não é uma prática recente no cinema nacional e o teatro é um meio artístico que dialoga intensamente com a produção cinematográfica. As comédias musicais carnavalescas da Cinédia, realizadas na década de 1940, anteriores aos sucessos da Atlântida com a infalível parceria Oscarito e Grande Otelo, já se utilizavam de artistas oriundos dos palcos como protagonistas.

Esses filmes possuíam como grande atrativo o sucesso de músicos do rádio, veículo de comunicação de ampla abrangência naquela época, que interpretavam marchinhas de sucesso do carnaval carioca. Mas também contavam com a presença de artistas consagrados nos palcos do teatro popular, como Procópio Ferreira, Mesquitinha, Brandão Filho e Dercy Gonçalves. Observando o formato em que os filmes se configuram, percebe-se o forte diálogo com o teatro de revista através do enredo, geralmente frágil, que servia como condutor para os “quadros” do filme, com números musicais e humorísticos. Essa relação se dava também na escolha dos cômicos que alimentavam o interesse do público e guiavam o enredo da fita.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em Imagem e Som - PPGIS/UFSCar, bolsista da FAPESP, email: [evandrogianasi@gmail.com](mailto:evandrogianasi@gmail.com)



Analisando a atuação de Dercy Gonçalves no filme *Caídos do céu* (Luiz de Barros, 1946), uma produção da Cinédia, percebe-se que o cinema não era uma linguagem à parte, e muito do que se fazia no teatro de revista era incorporado ao próprio formato do filme. Com a análise da atuação de Dercy nessa comédia podemos perceber as semelhanças e diferenças na representação da artista do teatro, meio artístico em que possuía uma carreira consolidada e de sucesso, para o cinema, que a própria atriz considerava apenas um “bico muito mal pago” (AMARAL, 1994, p. 104).

### ***Caídos do céu* e a comédia musical carnavalesca**

A produtora carioca Cinédia, comandada por Adhemar Gonzaga, tem grande importância no contexto de produção cinematográfica brasileira das décadas de 1930 e 1940, sendo, até então, um dos poucos estúdios capazes de produzir filmes com relativa frequência. Uma das estratégias para conseguir uma produção que se mantivesse no mercado era a realização de filmes com maior apelo popular. Um tipo de produto com essa característica foi a comédia musical carnavalesca. Esse tipo de filme, lançado próximo ao carnaval, é cheio de números musicais com performance de cantores e, ocasionalmente, baterias de escola de samba. Recorria-se às marchinhas de carnaval mais recentes como um dos atrativos para maiores bilheterias.

Nestes filmes era frequente, também, a utilização de artistas consagrados do público, não só do cinema, mas principalmente no rádio e no teatro de revista, meios de grande aceitação popular.

Contratado pela Cinédia, Luiz de Barros dirigiu algumas dessas comédias, realizadas em pouco tempo e tendo seu lançamento vinculado ao período carnavalesco. O cineasta teve uma carreira extensa, sendo um dos diretores de maior filmografia no Brasil, porém, muitas vezes, atacado pelos críticos e desconsiderado pelos estudiosos em vista de sua rapidez nas filmagens e da alegada falta de cuidado na realização dos filmes.

A relação do diretor com a comédia e a música é bem anterior à sua ligação com a Cinédia. Luiz de Barros trabalhou por muito tempo no teatro de revista. Nos anos 1920 e 1930, atuou como cenógrafo, trabalho que executou na Companhia Tro-lo-ló, de Jardel Jércolis, entre outras, mas também como diretor artístico, tendo montado algumas companhias, entre elas a Ra-ta-plan. Além disso, Barros trabalhou também na realização



de shows de cassino, prólogos cinematográficos e bailes carnavalescos, tendo extenso contato com espetáculos de palco.

Na Cinédia realizou trabalhos considerados mais sérios, como *O cortiço* (1946) e *Anjo do lodo* (1951), ambos adaptações literárias. Mas a maior parte de seus filmes eram fitas cômicas, ancoradas em um humor mais popular. Luiz de Barros, em sua biografia, faz questão de destacar a diferença entre o que considera comédia e chanchada, esta última seria “recheada de *nonsense*” e feita por necessidade comercial (BARROS, 1978, p. 54). Entre os filmes que o diretor considera chanchada, dirigidos por ele e produzidos pela Cinédia estão: *Samba em Berlim* (1943), *Berlim na batucada* (1944) e *Caídos do céu* (1946).

Esses filmes possuíam um enredo fragilmente estruturado e entremeado de números musicais com artistas geralmente oriundos do rádio, meio de comunicação de massa de grande importância naquele momento. Os números, em sua grande maioria, pouco se relacionavam com o enredo e funcionavam como elementos independentes dentro do filme, embora muitas vezes fossem justificados pela narrativa, como por exemplo, o olhar de um personagem que assiste a um show.

Quanto à parte do enredo, se destacavam artistas conhecidos por filmes anteriores, mas, principalmente, do teatro popular. *Caídos do céu* é um exemplo de filme que se utilizou do desempenho de artistas do teatro de revista para contar com um elenco de renome, sendo Dercy Gonçalves e Walter D’Ávila os protagonistas e o destaque nos anúncios dos jornais. O filme foi uma comédia feita para estrear no início de 1946 e divulgar as marchinhas do chamado “Carnaval da vitória”, por conta do fim da Segunda Guerra Mundial (*Folha da Manhã*, 22 fev 1946, p. 21). No entanto devido a problemas com o exibidor, que não aceitava pagar a porcentagem correta aos produtores, acabou não estreando a tempo no Rio de Janeiro, como afirma Adhemar Gonzaga em uma entrevista ao jornal *A Noite*:

Com a obrigatoriedade de exibição de três filmes em cada cinema, a sétima arte nacional terá que seguir avante, mormente com o controle exercido pela polícia. Pouco falta para tudo ficar ajustado. Do contrário não teria as dificuldades atingidas com “Caídos do céu”. Infelizmente, não será exibido antes do Carnaval. Certo exibidor não concordou com a divisão regulamentar dos cinquenta por cento sobre a renda. Perdura o impasse, com evidente prejuízo para o produtor (*A Noite*, 27 fev 1946, p. 5).



Com isso, o filme estreou em 25 de fevereiro no cinema Art-Palácio, em São Paulo, que, em 1945, era a sala com maior capacidade de público da cidade e possuía 1450 lugares (SIMÕES, 1990, p. 89). No Rio de Janeiro estreou apenas em abril, no São Carlos, na Cinelândia, portanto após o carnaval, o que comprometia, em parte, o interesse do público por esse tipo de filme. Assim mesmo, o filme permaneceu quatro semanas em cartaz nesta mesma sala.

A parte musical de *Caídos do céu* é extensa, com uma grande variedade de artistas e marchinhas inseridas de diversas formas no decorrer do filme. Conta com grandes nomes como Francisco Alves, Linda Batista, Trio de Ouro, Adoniran Barbosa, Mary Lincoln, Isaurinha Garcia e muitos outros.

A ação é orientada pelos personagens Rita Naftalina (Dercy Gonçalves) e Claudionor (Walter D'Ávila), anjos que viveram no século XVIII e que são enviados à Terra para descobrir como foi a vida do recém falecido Felizardo Boaventura (Augusto Aníbal) e se ele merece o céu. No entanto ao chegar ao Rio de Janeiro se encantam com as novidades e se esquecem de sua tarefa. O casal visita estádio de futebol, teatro, cassino, *dancing*, cinema e, claro, o carnaval, testemunhando, na maioria desses lugares, números musicais com artistas. A dupla faz, também, papel de cupido ajudando na união de um casal e até vão para a cadeia por não pagarem um taxista. O enredo serve de pretexto para cenas cômicas e, sobretudo, para apresentar as músicas do carnaval, no entanto se assemelha às antigas revistas teatrais que, com um fio condutor mais estruturado, iam exibindo aspectos do Rio de Janeiro, sempre guiados pela figura do *compère*. No filme, o casal protagonista costura toda a narrativa e faz lembrar os antigos *compère e comère* das revistas, figuras teatrais que caíram em desuso no Brasil desde o final da Primeira Guerra, como explica Neyde Veneziano:

Mais do que um personagem, o *compère* era uma convenção que vinha com uma função revisteira determinada: a de ligar os quadros, comentando-os. Esta função, eventualmente, poderia ser exercida por um personagem com nome e traços próprios (VENEZIANO, 1991, p. 118).

A atriz que se destaca no filme é Dercy Gonçalves. Em seu primeiro papel como protagonista no cinema, Dercy faz um tipo cômico e contracena com vários atores durante todo o filme. Não é por acaso que uma atriz de teatro de revista, embora Dercy também tivesse feito trabalhos em outros tipos de espetáculo, e com um estilo próprio



de atuação tenha sido escolhida para estrelar uma comédia que, em muitos aspectos, lembra as revistas carnavalescas. No entanto, como o veículo era outro, assim como o público também, existem diferenças no modo de atuação da atriz em *Caídos do céu* para o que ela fazia no teatro.

### **Dercy no teatro de revista**

Dolores Costa Gonçalves nasceu em 1907, em Santa Maria Madalena, no Rio de Janeiro, e começou sua carreira artística na companhia de teatro mambembe de Maria Castro aos 21 anos, depois de fugir de casa. Logo adotou o nome artístico de Dercy Gonçalves:

Quando Maria Castro fechou a companhia, Dercy Gonçalves e Eugênio Pascoal formaram a dupla *Os Pascoalinos* e passaram a exhibir-se em circos e cinemas, ou a integrar temporariamente outras companhias ambulantes, como a de João Rios, Wanda Marchetti e Silva Filho (NAMUR, 2009, p. 24).

Em São Paulo o casal se envolveria com o teatro de revista entre 1929 e 1931. Naquele tempo a revista paulista era diferente da carioca, pois tinha um cunho mais regionalista, explorando as particularidades do personagem interiorano, caipira. “Assentada em tipos e anedotas sertanejas, a revista paulista apresentava espetáculos ingênuos e divertidos, que podiam ser frequentados com alegria e tranquilidade por toda a família” (NAMUR, 2009, p. 50). Virginia Namur, em sua tese onde estuda a carreira artística de Dercy Gonçalves, diz ainda que:

Dercy Gonçalves e Eugênio Pascoal se aproximaram da revista paulista justamente no momento em que o seu regionalismo recebia uma sobrecarga patriótica. Embarcaram nela em São Paulo e foram dar com seus imigrantes, caipiras e mulatas de interior na carioca *Casa de Caboclo*, o mais afamado espaço de escambos regionalistas então existente no teatro musicado (NAMUR, 2009, p. 52, grifo do autor).

A autora se refere à companhia Casa de Caboclo, instalada nos escombros do que foi o Teatro São José, atingido por um incêndio anos antes, e da qual Dercy Gonçalves passa a fazer parte, em 1932, quando chega à Praça Tiradentes, principal reduto da cena revisteira carioca. Com um tipo de espetáculo regional, distinto do que se



fazia nas grandes revistas, a companhia tinha como estrelas a dupla sertaneja Jararaca e Ratinho.

Até então, Dercy atuava nos palcos como cantora, mas foi na Casa de Caboclo que descobriu seu talento para atriz cômica, depois de improvisar em uma cena onde servia apenas de escada para a entrada dos atores principais. Dessas experiências com um tipo de teatro regional parece ter vindo seu modo de atuação, assim como é visto em *Caídos do céu*, com forte sotaque caipira e explorando a comicidade no jeito de falar.

No início dos anos 1940 a carreira artística de Dercy Gonçalves atingiria grandes momentos, principalmente no teatro de revista carioca. Em 1941 é convidada por Jardel Jércolis, conhecido nome da cena revisteira, para fazer parte da Grande Companhia de Revistas Brejeiras Paradise, onde estreia em “Filhas de Eva”, revista que tinha como diretor cênico Luiz de Barros. O espetáculo é bem recebido pela crítica e Dercy é um dos destaques do elenco.

Em 1942 a atriz chega ao palco principal das revistas cariocas, o Teatro Recreio, com a Companhia de Walter Pinto, um dos nomes mais importantes do teatro de revista brasileiro. Estreia em “Rumo a Berlim”, de Freire Jr. e Walter Pinto. O jornal *Gazeta de Notícias* escreve sobre o desempenho da atriz:

Mas a alma das “Folias” encarnou essa endemoninhada caricata Dercy Gonçalves tipo excêntrico, evadido da extinta *Casa de Caboclo*, de Duque, e a quem, certa vez apelidamos de *Mistinguette* regional: divertiu a valer, ainda que excessivamente apimentada (*Gazeta de Notícias*, 30 mai 1942, p. 12, grifo do autor).

Duque era o nome artístico de Antônio Lopes de Amorim Diniz, um dos nomes a frente da companhia Casa de Caboclo.

Através deste trecho percebe-se o modo original de atuar de Dercy Gonçalves, elogiada por suas qualidades como atriz cômica. Mas que, ao mesmo tempo, causava certo desconforto devido ao fato de ser exagerada, fortemente caricata e “apimentada”, características que a diferenciavam e faziam com que se destacasse no meio teatral. Sua postura no palco gerava a comparação com a atriz francesa Mistinguett, vedete que veio ao Brasil com a Companhia Ba-ta-clan em 1922 e que era conhecida por sua personalidade de comportamento ousado para a época.



Dercy Gonçalves segue atuando nas revistas de Walter Pinto até 1945, sendo uma das estrelas da Companhia. Pode-se dizer que a atriz estava em um dos pontos mais altos da carreira no teatro de revista quando é chamada para estrelar o filme da Cinédia.

A atriz já havia participado de uma comédia da mesma produtora em 1943, quando interpretou uma divertida empregada no filme *Samba em Berlim*, também dirigido por Luiz de Barros. Mas é em *Caídos do céu* onde terá seu primeiro papel de protagonista no cinema.

## **Dercy no cinema**

Em sua biografia, Dercy não vê problema em revelar que nunca gostou de fazer filmes:

Nunca achei cinema importante. Pra mim, aquilo era uma puta frustração, porque não dava pra se dedicar à arte: era decorar e fazer. No cinema como na televisão, é o diretor que conduz a gente, a gente perde o comando, é a máquina que nos leva. Resumo: para uma artista do meu estilo era uma bosta. Assim mesmo, acabava fazendo do meu jeito e, no fim, os próprios diretores até pediam pra eu improvisar (AMARAL, 1994, p. 105).

Esse depoimento revela muito da característica de Dercy Gonçalves no palco, onde se sentia livre para improvisar e fazer da forma como achava melhor, modificando cenas e acrescentando elementos de acordo com a resposta do público. Esse comportamento muitas vezes causava embaraços com atores e indisposições com diretores. Isso porque Dercy dominava o palco, conhecia muito bem o terreno que estava pisando, tendo, inclusive, dirigido algumas revistas em que atuou. Assim se sentia mais livre para modificar, tendo como termômetro a reação do público ao vivo, elemento essencial para o tipo de humor que realizava.

Enquanto isso, no cinema, a atriz se sentia limitada, pois desconhecia o mecanismo e, possivelmente por esse motivo, também se sentia insegura para criar. Dercy diz que sempre obedeceu ao diretor nos filmes que fez:

Não porque achasse que ele sempre tinha razão, mas porque pra mim é difícil entender de uma coisa que funciona de trás pra diante. Às vezes, a gente começa a filmar pela última cena e



termina com a primeira, eu nunca sei onde estou. Então, sempre preferi obedecer e cumprir com as minhas obrigações (AMARAL, 1994, p. 106).

Mesmo assim, em *Caídos do céu*, podemos perceber uma certa liberdade da atriz nos diálogos e, sobretudo, nos gestos. O seu modo de andar em cena e sua expressão facial caricata são elementos que vêm do teatro e que estão claramente presentes no filme.

Embora contracene com Walter D'Ávila, um ator cômico de grande talento, desde a primeira aparição da dupla protagonista quem se destaca é Dercy Gonçalves, deixando o parceiro de cena um pouco em segundo plano. Sua personagem, Rita, toma a frente do marido. Ele deveria ir sozinho a Terra, mas ela exige ir junto para tomar conta dele. Durante a jornada do casal no Rio de Janeiro é sempre Rita quem toma iniciativa e cabe a Claudionor, personagem de D'Ávila, o papel de marido submisso. Com isso Dercy chama a atenção na maioria das vezes em que aparece, sendo responsável por grande parte das cenas de humor do filme, ainda que façam rir, também, os personagens de Chocolate, como um malandro que rouba galinhas, de Adoniran Barbosa, um judeu “malandro nascido no morro da favela”, e do próprio Walter D'Ávila.

No teatro a atriz era acusada de “não saber trabalhar em equipe” (NAMUR, 2009, p. 101), pois não respeitava texto e transformava a cena de acordo com o que considerava agradar o público. O que fazia com que um ator mais inexperiente pudesse se perder em cena. A atriz também admitia não gostar de ficar em segundo plano para outro artista. No entanto, como no cinema o texto era mais rígido, não havia espaço para tamanha improvisação. Apesar disso, a forma de atuação de Dercy Gonçalves a faz se destacar sem fugir às marcações de cena. Ela faz isso, por exemplo, se movimentando continuamente enquanto outro ator fala, em um plano-conjunto, ou fazendo expressões faciais cômicas enquanto ouve.

Outro aspecto observado em relação à atuação da atriz é o sotaque caipira, pronunciando as palavras erradas de modo caricatural. A fala se constitui, assim, em outro elemento de comicidade, também oriundo do tipo de teatro que fazia em São Paulo e na Casa de Caboclo. Em *Do que elas gostam*, revista encenada em 1941 pela Cia. Paradise, Dercy aparece em um longo quadro sertanejo, onde representa a filha ingênua de um roceiro (*Gazeta de Notícias*, 15 ago 1941, p. 13), o que demonstra que a atriz não abandonara a representação de papéis caipiras.





Ainda em relação à fala, a personagem de Dercy em *Caídos do céu* faz graça com trocadilhos e frases de duplo sentido, porém de modo mais comedido e ingênuo, sem a malícia que costumava apresentar nos palcos. Isso porque o cinema era um meio de entretenimento mais livre a todos os tipos de público:

O palavrão, por exemplo, era vetado tanto nas películas quanto na telinha, pois visando um público que a priori deveria ser “de massa”, não pretendiam segmentar com restrições etárias o filão cômico que representava a atriz (NAMUR, 2009, p. 145).

Já naquela época, sendo estrela do Recreio, causava certo incômodo por suas piadas, “às vezes excessiva nos ditos apimentados e maliciosos, que devem ser moderados para a maior harmonia e elevação do conjunto” (*Gazeta de Notícias*, 26 ago 1945, p. 4). Essa característica foi bastante controlada no cinema, onde, tendo de se prender mais ao texto, não tinha liberdade para exageros que escandalizassem o público familiar das comédias.

Dercy usa a voz de modo peculiar, fala alto em cena, grita com outros personagens, dá risadas escandalosas, sempre de maneira caricata e agregando comicidade ao seu desempenho. Características que fazem parte de sua personalidade de atriz escrachada. Virgínia Namur analisa a forma popular de interpretação que Dercy construiu, onde, não o que é dito, mas a forma como é falado se torna objeto de interesse cômico:

Nesse corpo também há diferentes planos, como o fonético, o sintático e o semântico e esses igualmente são postos em contínuo diálogo. Daí vem a profusão de ambivalentes trocadilhos, que fazem a festa das plateias e às vezes são tão bons que viram bordão (NAMUR, 2009, p. 261).

A autora observa, também, que:

A fala grotesca vem das ruas e praças, é alta para vencer ruídos, mas não é tagarela no sentido de ficar ruminando. Ela ou se proclama ou se cala, cedendo espaço para o corpo, que no popular tem expressão mais competente (NAMUR, 2009, p. 260-261).



É exatamente esse recurso, a expressão corporal, que Dercy mais utiliza em sua atuação no filme de Luiz de Barros. Os gestos são frequentemente exagerados, caricatos, amplos, o que não nega sua origem de teatro. A atriz se porta como em um palco, embora pareça consciente dos enquadramentos. Assim, utiliza os planos mais abertos para se expressar com o corpo e nos closes abusa da caricatura facial. Namur afirma que:

o corpo concreto da paródia é resultado do diálogo entre as partes “altas” e “baixas”, mostrando completa liberdade expressiva e entrosamento relativo entre os planos da ideia e da matéria. [...] Há torceduras de mãos, estiramento de membros, arregalo de olhos, franzimento de boca e testa, ensaio de passos cadenciados que parecem, mas não ousam virar dança e outros desvios desse naipe, numa espécie de tagarelice corporal, que muitas vezes substitui a rarefação das palavras (NAMUR, 2009, p. 259-261).

Um dos momentos onde a comicidade da expressão corporal mais se evidencia é quando a personagem Rita se desmaterializa para fugir da prisão, fazendo passos, quase como uma dança, e rodando. O que gera o comentário assustado do personagem Bonitão (Chocolate): “Essa mulher é macumbeira?”. Em outras ocasiões Dercy faz gestos como puxar a calça, ou anda de um jeito desengonçado.

A atriz brinca também com as boas maneiras em alguns outros gestos, como fumar de uma maneira nada elegante, bater no traseiro do marido ou, ainda, no momento em que desce do carro de costas, sendo amparada pelas nádegas por Walter D’Ávila. Com isso, embora não tenha a mesma liberdade do teatro, a atriz não deixa de colocar sua marca de atuação mais escrachada, o que Virgínia Namur chama de estilo grotesco.

### **Considerações finais**

Utilizando como objeto de análise a participação de Dercy Gonçalves no filme *Caídos do céu* (Luiz de Barros, 1946), podemos observar como se deu a adaptação na maneira de atuar de uma artista dos palcos em um filme carnavalesco produzido na década de 1940, tipo de produção recorrente naquele período.

O público alvo desse gênero cinematográfico era amplo, livre de restrições etárias, diferente das revistas da Praça Tiradentes. Desse modo, o tipo de humor



presente no cinema deveria ser mais ingênuo e leve. Além disso, a existência de um roteiro mais rígido abria espaço para pouca improvisação no texto. São aspectos que de alguma forma modificaram o modo de atuar de Dercy Gonçalves, que tinha como característica o improvisado e o costume de não decorar texto, fazendo com que se sentisse pouco à vontade atuando para cinema.

No entanto a personalidade forte da atriz em cena e o seu modo diferenciado de atuar fazem com que, mesmo limitada pelo texto, Dercy Gonçalves se destaque no filme. Isso porque grande parte da força cênica da atriz reside na sua expressão corporal, no modo como se porta no palco/set, o que pode se perceber ao longo de todo o filme.

Embora mais contida do que no palco, onde escandalizava para fazer rir, Dercy se apropria de elementos característicos de sua atuação no teatro e encontra espaço para exhibir sua veia cômica. Assim a atriz auxilia na condução da narrativa, dando certa unidade aos “quadros” do filme. Para esse tipo de produção, geralmente fragmentado por conta dos vários números musicais, é de grande valor a existência de um personagem que, pela qualidade de seu intérprete, consiga costurar todo o enredo e manter o interesse do filme, funcionando como uma clara alusão às célebres figuras do *compère* e da *comère* do teatro de revista. Com isso, é pertinente que na ocasião do lançamento do filme no Rio de Janeiro, seja o rosto de Dercy que apareça nos anúncios (*Correio da Manhã*, 25 abr 1946, p. 13).

Ao analisar a função de Dercy Gonçalves em *Caídos do céu*, pode-se perceber que o diálogo das comédias musicais da Cinédia com o teatro de revista não se limita ao formato do filme, com a existência de números musicais e enredo tênue. Residem também na escolha do elenco e interpretação dos artistas, que, embora respeitando as particularidades e exigências do meio cinematográfico, aplicavam nos filmes boa parte da técnica e da forma de atuação desempenhada nas revistas de palco. Dessa forma, Dercy Gonçalves, então uma estrela de personalidade inconfundível da Praça Tiradentes, não encontra dificuldades em se destacar em seu primeiro papel como protagonista no cinema.

## Referências

AMARAL, Maria Adelaide. **Dercy de cabo a rabo**. São Paulo: Globo, 1994.

BARROS, Luiz de. **Minhas memórias de cineasta**. Rio de Janeiro: Artenova/ Embrafilme, 1978.



NAMUR, Virginia Maria de Souza Maisano. **Dercy Gonçalves - o corpo torto do teatro brasileiro**. 2009. 368f. Tese (Doutorado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. **Viva o rebolado! : Vida e morte do teatro de revista brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SIMÕES, Inimá Ferreira. **Salas de cinema de São Paulo**. São Paulo: PW/Secretaria Municipal de Cultura/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

VENEZIANO, Neyde. **O teatro de revista no Brasil: dramaturgia e convenções**. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

### **Periódicos**

**Correio da Manhã**: Rio de Janeiro.

Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/correio-da-manha%20C3%A3/089842>>.

**Folha da Manhã**: São Paulo.

Disponível em: <[http://acervo.folha.com.br/fdm 1925 - 1959](http://acervo.folha.com.br/fdm%201925%20-%201959)>.

**Gazeta de Notícias**: Rio de Janeiro.

Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/gazeta-de-noticias/103730>>.

### **Páginas da internet**

CINÉDIA. **Filmografia**. Disponível em: <<http://cinedia.com.br/cinedia.html>>.

CINEMATECA. **Filmografia Brasileira**. Disponível em:

<<http://www.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p>>.